

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE AMIZADE EM AGOSTINHO: DE UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIAL DE “AMIZADE INCIPIENTE” À DEFINIÇÃO DE “VERDADEIRA AMIZADE”

THE CONSTRUCTION OF THE CONCEPT OF FRIENDSHIP IN AUGUSTINE: FROM AN EXPERIENTIAL EXPERIENCE OF “INCIPIENT FRIENDSHIP” TO THE DEFINITION OF “TRUE FRIENDSHIP”

Marcos Roberto Nunes Costa¹

Resumo

A amizade é tema recorrente na história da filosofia desde os mais remotos pensadores gregos, mas é com Platão e Aristóteles, e depois com os latinos, notadamente Cícero, que a questão ganha força, sendo este último o primeiro a escrever uma obra específica sobre o tema, o *Laelius de Amicitia*, que teria grande influência sobre Santo Agostinho, o qual, embora não tenha um escrito específico sobre a questão, muitas são as obras em que a ela se refere, seja para falar de suas experiências vivenciais de amizades, seja do ponto de vista teórico, quando a ela se remonta como instrumento conceitual ao tratar de diversos temas correlatos. Dos relatos de suas experiências vivenciais e especulações teóricas, resulta, em Agostinho, a construção evolutiva de uma concepção de amizade que vai de uma “amizade incipiente”, movida por interesses mundanos, pragmáticos e/ou filosófico-naturais, ao conceito de “verdadeira amizade”, alicerçada, por sua vez, no preceito evangélico da Caridade cristã, o que se conclui que “ama verdadeiramente ao amigo quem ama a Deus no amigo” (*Serm.*, 336, 2), que é a genuína concepção agostiniana de amizade. **Palavras-chave:** Agostinho; ‘amizade incipiente’; ‘verdadeira amizade’; verdade e caridade cristãs.

Abstract

Friendship is a recurring theme in the history of philosophy since the earliest Greek thinkers, but it is with Plato and Aristotle, and later with the Latins, notably Cicero, that the issue gains strength, the latter being the first to write a specific work on the topic, Laelius of Amicitia, who would have a great influence on Saint Augustine, who, although he does not have a specific writing on the issue, there are many works in which he refers to it, whether to talk about his lived experiences of friendships, whether from a theoretical point of view, when it is used as a conceptual instrument when dealing with various related themes. From the reports of his lived experiences and theoretical speculations, Augustine results in the evolutionary construction of a conception of friendship that goes from an “incipient friendship”, driven by worldly, pragmatic and/or philosophical-natural interests, to the concept of “true friendship”, based, in turn, on the evangelical precept of Christian Charity, which concludes that “he who loves God in the friend truly loves his friend” (*Serm.*, 336, 2), which is the genuine Augustinian conception of friendship

Keywords: Augustine; ‘incipient friendship’; ‘true friendship’; truth and Christian charity.

¹ Doutorado em Filosofia pela PUCRS e Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade do Porto. Professor de Graduação e Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Filosofia da UFPE. E-mail: marcosnunescosta@hotmail.com

Introdução

Um amigo fiel é poderosa proteção: quem o encontrou, encontrou um tesouro. Não há nada que se compare, é um bem inestimável. Um amigo fiel é um bálsamo de vida (Ecl. 6, 14).

A amizade é tema recorrente na história do pensamento humano, inclusive na filosofia. Já o encontramos nos mais remotos pensadores gregos, ainda que em passagens esparsas e/ou superficiais. Mas é no período clássico, com Platão e Aristóteles, e depois com os latinos, notadamente com Epicuro, Sêneca e Cícero, que a questão ganha força. Platão, por exemplo, em sua obra *Lisis*, falando pela boca de Sócrates, diz que “tão grande é o meu desejo de amizade que prefiro um amigo a todos os tesouros de Dario” (211c). Aristóteles, na obra *Ética a Nicômaco*, afirma que “a amizade o que há de mais necessário para a vida” (VIII, 1155). Cícero, por sua vez, que foi o primeiro a escrever uma obra específica sobre o assunto, o *Laelius de Amicitia (Lelio ou Sobre a Amizade)*, diz que “suprimir a amizade da vida é o mesmo que eliminar o sol do mundo” (XIII, 47), obras estas que influenciariam os pensadores posteriores, dentre eles Agostinho, que, seguindo os supracitados filósofos, diz em Sermão que “neste mundo são necessárias estas duas coisas: a saúde e a amizade; duas coisas que são de grande valor e que não devemos menosprezar. A saúde e a amizade são bens naturais” (*Serm.*, 299)².

Em linhas gerais, todos estão preocupados com este intrigante fenômeno social que, por um lado, é força motriz de grandes alegrias ou felicidade, sendo apontado como princípio fundantes da vida, em especial da social, mas, por outro, pode trazer problemas, ou é passível a elementos negativos, típicos da condição humana, como, por exemplo, ser utilizado para interesses privados, manipulações e influências para fins escusos, etc. Daí a necessidade de uma reflexão a fim de se chegar a uma definição de amizade que seja a mais saudável possível, propulsora de uma sociedade justa, harmoniosa e feliz, centrada no bem comum.

No que diz respeito ao pensamento agostiniano, é fato notório que a questão da amizade é algo familiar a Agostinho que, embora não tenha um escrito específico sobre ela, muitas são as obras em que a ela se refere, seja para falar de suas experiências vivenciais de amizades, o que nos leva a dizer que “Agostinho foi um homem de muitas amizades”, aliás, diga-se de passagem, “ele era incapaz de viver sozinho, sempre viveu em comunidade, rodeado de amigos”, ou como diz Enrique A. Eguiarte Bendímez, “Santo Agostinho foi sempre um homem enamorado da vida em

² Comentado esta passagem, R. A. Capilla Gonzalez diz que “segundo Santo Agostinho, entre o amor e a amizade há somente um passo. É tão importante para ele a amizade que a considera, junto à saúde, o que há de mais importante na vida. A saúde garante a vida e a amizade garante que o homem não esteja só e não se perca na solidão. Desde que nasce, a pessoa vive em amizade: ao vir ao mundo, a primeira coisa que vê são seus pais e percebe seu amor e amizade. Este é um amor recíproco, um amar e ser amado, um querer o bem do amigo-amado” (1994, p. 359).

comunidade e de compartilhar sua vida com um grupo de amigos” (2015, p. 66), seja do ponto de vista teórico, quando a ela se remonta como instrumento conceitual ao tratar de diversos temas correlatos.

Nesse sentido, Sílvia Contaldo, por exemplo, no início de seu artigo acerca da temática em pauta, depois de nomear algumas obras em que o tema aparece, diz que:

[...] não lhe faltaram ocasiões para pensar sobre a amizade. Como afirmei acima, Agostinho sempre esteve cercado de amigos. Quando se estabeleceu em Hipona, por exemplo, ‘certificou-se de que, em seu palácio episcopal [de Hipona], seria sempre o centro íntimo de amigos’ (Brown, 2005, p. 241). Isso, para não falar de outros círculos de amizades que se estabeleceram sucessivamente em Cartago, Milão, Cassisiaco (2017, p. 686).

Ao que reforça Teófilo Viñas Ramón, quando, ao responder a si mesmo sobre “o que significou a amizade para Agostinho, como a viveu e como a definiu”, dizer que “tudo nos dirá ele mesmo, efetivamente, com *sua vida* e com *sua palavra*” (2010, p. 226), que são por assim dizer os dois pilares para se entender a concepção agostiniana de amizade, conforme ratifica a Maria Manuela Martins, ao dizer que “por um lado, a sua vivência concreta da amizade manifesta o valor que esta possui na natureza humana; por outro, a amizade é fonte de reflexão e de especulação acerca de uma das virtudes mais importantes para a vida cristã” (2008, p. 210)³.

Eis, portanto, nossa missão no presente artigo: a partir dos relatos de experiências e conceitos espessos em suas obras, traça uma trajetória de como viveu e entendeu e viveu Agostinho a questão da amizade, ou como estes dois aspectos se interligaram em sua experiência de vida e construção de sua doutrina filosófico-teológica, se sempre viveu e pensou da mesma maneira, ou se houve uma evolução de ambos no decorrer de sua vida. E, caso haja uma evolução, que fatores o levaram a mudar sua forma de viver e teorizar acerca da amizade. Para tal, dividiremos nossas análises entres momentos, a saber: 1. A experiência vivencial da amizade na infância/adolescência, a que Javier Ruiz de la Presa classifica como “uma amizade do tipo pagã, supostamente reduzida ao prazer e a utilidade” (2005, p. 63); 2. A fundamentação teórica da amizade na descoberta da filosofia greco-romana, classificada pelo supracitado comentador como “uma amizade do tipo neoplatônico-cristã, pautada pela busca comum da sabedoria e da benevolência” (*Ibid.*); 3. A

³ Igualmente diz Julián Ignacio López: “Tanto a vida como a obra de Agostinho de Hipona testemunham muito claramente que a amizade é um tema de grande relevância no pensamento agostiniano. Com efeito, enquanto alguns autores têm mostrado a centralidade que ocuparam sempre as amizades na vida de Agostinho de Hipona, outros autores reconhecem acertadamente que, se bem Agostinho não escreveu um tratado sobre a amizade, tal temática se encontra presente ao largo de boa parte de sua obra, o que demonstra a importância que o Bispo de Hipona sempre atribuiu a esta questão” (2023, p. 7). Ao que reforça César Rañas Dafonte, o qual, em tópico de seu artigo dedicado a Agostinho, ponderar que este “não tem um tratado monográfico sobre nosso tema, mas as alusões a amizade são frequentes e a descreve com uma energia e força inigualáveis” (2012, p. 68)

descoberta da “verdadeira amizade”, no cristianismo, a que o supracitado comentador chama de “amizade espiritual-mística, como um exercício da caridade” (*Ibid.*)⁴.

1 - As primeiras experiências vivenciais de amizades, na adolescência

Os relatos espessos nas obras de Agostinho, principalmente em suas *Confissões*, atestam que desde criança ele esteve envolto ou teve intensas experiências de vida com amigos, mas, para não nos alongarmos muito, iniciaremos nossas análises por uma passagem célebre da referida obra que denota o envolvimento de Agostinho com os amigos durante sua adolescência, notadamente pela famosa na narrativa do “roubo das peras”, em 370, momento em que concluiu os “estudos secundários” em Madaura e voltou à casa paterna para um período de férias, enquanto seus pais se preparavam economicamente para o enviar a Cartago, onde iria cursar os “estudos superiores”.

Nas *Confissões* Agostinho demonstra com muita evidência a futilidade ou banalidade com que ele e os amigos, praticavam os males, o que, mais tarde, lhe deixaria intrigado com os motivos, ou melhor, com a falta de motivos, para tal:

Que fruto nessa ocasião colhi eu, miserável, das ações que agora, ao recordá-las, me fazem chorar de vergonha, nomeadamente daquele roubo, em que amei o próprio roubo e nada mais? Nenhum, pois o furto nada valia e, com ele, me tornei mais miserável [...]. Que sentimento era aquele da minha alma? Sem dúvida, um sentimento muitíssimo vergonhoso; e aí de mim que o mantinha! (*Conf.*, II, 8,9)⁵.

Finalmente, em fins de 370, com 16 anos de idade, depois de quase um ano de ociosidade e desmandos, com a ajuda de um amigo da família, Romaniano, homem de posses que passaria a ser seu mecenas⁶, Agostinho seria enviado a Cartago, capital de uma das províncias do Império Romano, na África do Norte, para fazer seus “estudos superiores”.

E se Agostinho, que havia chegado a Madaura ainda inocente, fez o que fez, imagine-se em Cartago, agora com a mente totalmente pervertida?

Narrando o estado de espírito com que chegou a Cartago, Agostinho nos diz:

Vim para Cartago. De todos os lados ferviam criminosos amores. Ainda não amava e já gostava de amar. Impelido por uma necessidade secreta, enraivecia-me contra mim

⁴ Ao que reforça Hans Van Den Berg: “Ademais, podemos descobrir que Agostinho distinguia diferentes tipos de amizades: a amizade juvenil, a amizade mundana de adultos e a amizade relacionada com a religião, que Agostinho chama de ‘a verdadeira amizade’” (2016, p. 199).

⁵ Mais adiante, no tópico 3, voltaremos a esta experiência vivencial, quando Agostinho a analisa criticamente à luz do conceito de verdadeira amizade”, no cristianismo.

⁶ Mais tarde, Agostinho e Romaniano se tornariam grandes amigos, e seus dois filhos Licênio e Trigêncio passariam a fazer parte do grupo de alunos/discípulos de Agostinho, inclusive são seus interlocutores na obra *Contra Acadêmicos*, a qual seria dedicada a Romaniano. Na Carta 27, de 394, endereçada a outro amigo Paulino de Nola, Agostinho fala com carinho do amigo Romaniano: “Aí tens a meu caríssimo Romaniano, unido intimamente a mim desde o princípio da adolescência: ele leva esta carta a tua eminência e excelsa caridade” (*Ep.*, 27, 4, 7).

mesmo por não me sentir mais faminto de amor [...]. Era para mim mais doce amar e ser amado, se podia gozar do corpo da pessoa amada. Desse modo, manchava, com torpe concupiscência, aquela fonte de amizade. Embaciava a sua pureza com o fumo infernal da luxúria (*Ibid.*, III, 1).

Assim sendo, não é de se estranhar que logo fosse arrastado para os teatros, para o prazer dramático, pelo qual tinha grande paixão desde criança, o qual já havia despertado durante os estudos em Madaura: “Arrebatavam-me os espetáculos teatrais, cheios de imagens das minhas misérias e de alimento próprio para o fogo das minhas paixões” (*Ibid.*, III, 2). E tudo isto, na companhia dos amigos.

Mas, até aqui, Agostinho ainda não teoriza ou não faz nenhuma reflexão ou julgamento crítico acerca da amizade em si, apenas narra fatos vividos que denotam que desde a infância/adolescência viveu envolto com amigos, ao que Teófilo Viñas Ramón chama de “*práxis amical*, quer dizer, suas vivências pessoais” (2010, p. 227). Só mais tarde, com a descoberta da filosofia e, principalmente, no encontro com o cristianismo, fará algumas reflexões acerca de suas experiências vivenciais de amizades, inclusive, retrospectivamente, fazendo alusões as que narramos até aqui, a partir das quais podemos identificar uma construção/evolução no conceito de amizade em Agostinho, não obstante, como dissemos na Introdução do presente artigo, nunca ter escrito uma obra específica sobre o tema, mas, de doravante, dando um significado para suas experiências de amizades, conforme veremos nos tópicos seguintes.

2 - Descoberta da filosofia e primeiras reflexões teóricas acerca da amizade, na juventude

Em Cartago, aos 19 anos de idade, Agostinho, em meio aos seus “estudos superiores”, conheceu e leu a obra *Hortensius*, de Cícero, a qual, para Victorino Capánaga, “continha uma exortação à sabedoria; estava inspirado no *Protreptico* de Aristóteles” (1974, p. 9).

O livro de Cícero teve o poder de despertar Agostinho, uma espécie de revelação, que o levou a defrontar-se com as verdades eternas, conforme diz nas *Confissões*: “Como ardia, Deus meu, como ardia em desejos do voar das coisas terrenas para Vós, sem saber como procedíeis comigo?” (*Conf.*, III, 4), o que levaria muitos comentadores a classificarem como sua primeira conversão, como, por exemplo, Peter Brown, que diz: “Por fim, no ano de 373, aos 19 anos, ele vivenciaria uma mudança profunda em sua vida: passaria por sua primeira ‘conversão’ religiosa” (2005, p. 45).

Mas não ficou só na referida obra, a partir de então Agostinho tornou-se leitor assíduo de Cícero, quando, através dele, conheceu muitos pensadores da tradição greco-romana, já que não podia conhecê-los diretamente, uma vez que não lia em grego. Pensadores estes que teriam grande

influência em seu pensamento, inclusive no que diz respeito ao conceito de amizade, como veremos daqui para frente.

O certo é que a partir daqui as narrativas de experiências vivenciais de Agostinho com amigos não são mais por motivos vis, ou movidas por interesses materiais ou sensuais, mas por razões intelectuais, pela busca da sabedoria/verdade. É o que vemos, por exemplo, quando narra que após concluir os “estudos superiores”, depois de mais um pequeno período em Tagaste, onde abriu uma Escola de gramática, formou um grupo de amigos⁷, os quais o seguiram pelo resto da vida, a saber: Licênio e Trigêncio, filhos do mecenas Romaniano, Alípio e Nebrídio, com quem discutia questões intelectuais e de vida.

Pouco tempo depois, transferiu-se para Cartago, onde abriu uma Escola de retórica, levando consigo o grupo de amigos/discípulos. Foi por esta época, cerca de 380, segundo narra mais tarde nas *Confissões*, que aconteceu uma das mais significativas experiências de amizade vivenciadas por Agostinho, quando relata, de forma memorável, a morte de um jovem conterrâneo seu, com quem matinha relações de amizade desde a infância e que agora fora atraído para seu grupo de estudos. Ali - nas *Confissões* -, Agostinho reflete longamente sobre aquela triste experiência existencial, onde deixa transparecer traços da tradição greco-romana, inclusive chega a citar o exemplo de amizade entre Oreste e Pílates, que ele certamente leu através dos latinos, notadamente de Cícero e Sêneca⁸. Diz ele, após anunciar “a morte do amigo”:

O sofrimento encheu-me de trevas o coração, e eu não via senão a morte em toda parte. A pátria tornou-se para mim tormento; a casa paterna, motivo incrível de infelicidade, e tudo o que tivera em comum com ele, agora, sem ele, transformava-se em sofrimento ilimitado. Meus olhos o procuravam por toda parte sem encontrá-lo; eu odiava o mundo inteiro, aborrecia-me porque o amigo não mais existia, e ninguém podia dizer-me: ‘Aí vem ele’, como, quando em vida, se ausentava por algum tempo. Tornei-me um grande problema para mim mesmo e perguntava à minha alma por que estava tão triste e angustiado, mas não tinha resposta [...]. Somente as lágrimas me eram doces e substituíam o amigo no conforto do meu espírito [...]. Não esperava, é claro, que meu amigo ressuscitasse, nem era isso que minhas lágrimas pediam: eu apenas sofria e chorava. Era um infeliz, e tinha perdido minha alegria. Talvez o pranto - amarga realidade - dê alívio na medida que nos aborrecemos dos prazeres de que antes gozávamos? (*Conf.*, IV, 4,9; 5,10).

Mas por que falar de tudo isso agora? Não é este o momento para indagações, mas de confessar-me a ti. Eu era infeliz, como infeliz é todo espírito subjugado pelo amor às coisas mortais, cuja perda o dilacera, e então deixa perceber a extensão da infelicidade que já o oprimia antes de perdê-las. Assim me encontrava eu nessa ocasião, e chorava lágrimas amargas e me consolava na amargura. Desse modo era infeliz, e essa vida infeliz era agora para mim mais cara que o amigo perdido. Sim, eu teria desejado mudar de vida,

⁷ A esse respeito diz Peter Brown: “Agostinho nunca estará só. Ao voltar a Tagaste, formou um núcleo de amizades duradouras. Os meninos que haviam crescido com ele como colegas de escola cercaram-no então como maniqueístas” (2005, p. 75).

⁸ A esse respeito diz Julián Barenstein: “Pelo visto, não tinha Agostinho a mãos poucos textos se pretendia encontrar neles o significado de *amicitia*. E se não é possível afirmar que tivesse lido o *Lisis*, de Platão, nem a *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, sem dúvida teve em suas mãos os textos de Cícero e de Sêneca, que suponham aqueles outros” (2015, p. 117).

mas não aceitaria perdê-la para reaver o amigo. Não sei se teria feito como Orestes e Píldes que, segundo a tradição, se não é invenção, aceitaram morrer os dois ao mesmo tempo, pois, para eles, não viver juntos era pior que a morte. Surgiu em mim um sentimento indefinido, decididamente oposto a isso (*Ibid.*, IV, 6, 11, destaque nosso).

Ao que conclui, depois de associar a amizade à felicidade, com uma série de frases que resultariam em por assim dizer sua primeira definição/concepção de amizade⁹:

Parecia-me estranho que a vida continuasse para os outros mortais, já que estava morta a pessoa que eu tinha amado como se ela não devesse morrer nunca. E mais ainda me espantava estar ainda vivo, estando-se morto aquele de quem eu era outro eu. Disse muito bem quem definiu o amigo como metade da própria alma¹⁰. Eu tinha de fato a sensação de que nossas duas almas fossem uma em dois corpos, e por isso eu detestava a vida, pois não queria viver partido ao meio, e temia a morte, talvez por não querer que morresse inteiramente aquele que eu tanto amara (*Ibid.*, IV, 6, 11, destaque nosso)¹¹.

Estas passagens levariam o comentador Laín Entralgo a se questionar “se em toda a literatura universal haja um parágrafo em que de maneira tão inflamada e plástica seja descrita a dor pela morte de um amigo” (2012).

Em 383, aos 29 anos de idade, desgostoso com a indisciplina dos jovens alunos de Cartago e atraído pela possibilidade de maiores lucros e honras, Agostinho resolve transferir-se para Roma, onde abriria uma Escola de retórica.

⁹ Dizemos “por assim dizer sua primeira definição/concepção de amizade”, por ter sido a primeira experiência vivencial em que Agostinho reflete acerca da amizade em si, da busca das motivações interiores que a movia, muito embora só foram narradas ou reveladas muitos anos mais tarde, uma vez que as *Confissões* só foram escritas na maturidade. Na realidade, cronologicamente, a primeira vez que teorizou acerca da amizade fora na obra *Contra Acadêmicos*, uma obra escrita no Retiro de Cassiciaco, após a conversão, conforme veremos mais adiante.

¹⁰ Esta definição de amigos como “o outro eu”, ou “a metade de minha alma”, Agostinho parece ter encontrado em Horácio, conforme comenta Sílvia Contaldo: “Foi justamente dessa fratura existencial que Agostinho intuiu o valor da amizade, pois ‘se a alma dele e de seu amigo fossem como uma única alma em dois corpos’, ele não deseja mais ‘viver pela metade’. Por essa proposição Agostinho rememorava um verso das *Odes* de Horácio, verso consagrado como a definição de amizade: ‘amigo é a metade de minha alma’ (Horácio, *Carmina*, I, III, 8)” (2017, p. 689). Reforça essa tese Sabine MacCormack, ao dizer: “Versos vinha à mente de Agostinho quando expressava preocupação e inquietude a respeito de seu patrono Romaniano (ep. 15) [...]. Anos mais tarde, voltando à sua vida nas *conf.*, Agostinho resumiu sua tristeza, a propósito de outro amigo que morrera inesperadamente, num verso que Horácio escrevera acerca de Virgílio, a quem amava afetuosamente. Para Horácio, Virgílio representava ‘metade de minha alma’, e Agostinho identificava-se profundamente com essa apreciação de amizade (*conf.*, 5,6, citando Horácio, *carm.*, 1,3,8)” (2019, p. 161-162).

¹¹ Maria Manuela Martins, nos mostra que em outras ocasiões Agostinho volta a usar estes termos, como, por exemplo, “na epístola 38, escrita no ano de 387, Agostinho afirma de forma categórica, tendo agora como ponto de partida o *ego* do outro: ‘*mihi es alter ego* (tu és para mim o outro ego)’ (ep. 38, 1). E ainda na epístola 110, quando declara: ‘*cum sis altera anima mea, immo una sit anima tua et mea* (sendo tu como outra alma minha, ou melhor, sendo uma, a tua alma e a minha’ (ep. 110, 4)” (2008, p. 225). Mais adiante, no tópico 3, voltaremos a estas passagens, quando Agostinho a elas se refere para contrapor-las à “verdadeira amizade”, à luz do cristianismo, onde, “ademais - diz Héctor M. Calderón Muñoz -, foi o evento da Ressurreição de Cristo o que provocou a mais inexplicável alegria que nos levou a transformar-se em ‘uma só alma e um só coração’ (2015, p. 96), ou, resume o mesmo autor, em “um só em Deus” (*Ibid.*, p. 101).

Em Roma, Agostinho logo conseguiu grande fama de retórico, tendo sido apresentado, através do amigo Alípio¹², “ao prefeito e cônsul de Roma, Lúcio Anneo Símaco, o célebre orador, inimigo dos cristãos” (Sciacca, 1955, tomo 1, p. 45) que passou a ter por ele grande admiração.

No início do verão de 384, Símaco procurou Alípio, contou-lhe que fora encarregado pela Corte imperial de escolher um professor (*rector*) de prestígio para a vaga de eloquência do estudo público de Milão, e que pretendia oferecer o cargo a Agostinho. E assim, “superada a prova de dicção diante do Prefeito, o próprio Agostinho interessou-se para que a partida fosse apressada” (Cremona, 1990, p. 57). Agostinho viajou de Roma para Milão já como funcionário público, na carruagem oficial do Império.

Chegando à Milão, Agostinho, que “era incapaz de viver sozinho”, mandou buscar os amigos que haviam ficado em Roma, bem como seu filho Adeodato, sua mãe Mônica e sua mulher, para juntos darem continuidade à vida comunitária, pois, diz ele referindo a ocasião: “Sem amigos, eu não podia ser feliz, nem mesmo no sentido que dava então a esta palavra, apesar da grande abundância de prazeres carnis” (*Conf.*, VI, 16, 26).

Além disso, logo faria novas amizades com grandes autoridades e intelectuais da cidade, principalmente quando passou a frequentar o Círculo dos Neoplatônicos do qual fazia parte o bispo Ambrósio e o monge Simpliciano¹³, os quais doravante teriam grande influência em seu pensamento, e com os quais manteve amizade pelo resto da vida, mesmo a distância, quando, depois da conversão, voltou à África.

Além da descoberta da filosofia neoplatônica, com Ambrósio e Simpliciano, em Milão, Agostinho redescobriu o cristianismo, que estava latente em seu coração. Em pouco tempo estava cada vez mais inclinado a aceitar as verdades do cristianismo. Precisava vencer os últimos obstáculos que ofuscavam a sua mente, ou como diz Giovanni Papini, “havia um resto da velha levedura fermentada ainda em sua alma. Ele conhece e deseja a verdade, mas não se resolve a traduzi-la em atos, a vivê-la [...]. Faltava-lhe apenas a força de penetrar em passos firmes pela ‘porta estreita’ – Jesus” (1949, p. 107).

¹² Segundo Hans Van Den Berg, Alípio que também era de Tagaste, “depois de ter feito seus estudos de retórica em Cartago, foi para Roma para especializar-se em Direito, e, quando no ano 383 chegou lá Agostinho, se juntou novamente com ele” (2016, p. 197). Alípio foi, seguramente, seu maior amigo. Inclusive, esteve presente na famosa “cena do Jardim”, se convertendo também junto com ele, e se fazendo batizar junto com ele e Adeodato, pelas mãos do bispo Ambrósio. Aliás, tamanha era a amizade entre ambos que mesmo comentador chega a se interrogar “até que ponto Agostinho teria alcançado a conversão se Alípio com sua grande serenidade não estivesse estado constante e incondicionalmente ao seu lado. Seja como for, juntos se converteram, juntos se batizaram e juntos decidiram ser ‘servos de Deus’ e viver em comunidade” (*Ibid.*, p. 198).

¹³ Além de Ambrósio e Simpliciano, no Círculo dos Neoplatônicos de Milão Agostinho fez amizade com grandes intelectuais, com os quais se relacionou pelo resto da vida, como Manlio Teodoro, Mário Vitorino, o Tribuno Marcelino e o Senador Volusiano.

Daqui em diante Agostinho viveria em conflito, que se agravaria até o momento de sua conversão definitiva e que se caracterizava pela luta interior entre duas vontades: por um lado, queria servir a Deus, gozar de Deus, entregar-se todo a Deus, por outro lado, outra vontade, a vontade carnal que não queria. Foi quando, em determinado momento, perturbado, discute com Alípio sobre o que estava sentindo e, em seguida, afastaram-se um pouco para os jardins de sua casa para refletir. Ali, de repente, Agostinho caiu em choro e, em meio às suas lágrimas, quando, relata ele, “eis que, de súbito, ouço uma voz da casa próxima. Não sei se era de menino, se de menina. Cantava e repetia frequentes vezes: ‘Toma e lê; Toma e lê’ (Conf., VIII, 12, 28-29).

Agostinho interpretou as supostas palavras da criança como um chamado de Deus para ler a Bíblia. Correu ao encontro de Alípio, que lhe entregou o *Novo Testamento*, que o abriu espontaneamente e leu o que lhe veio aos olhos. Era a Epístola de São Paulo aos Romanos (*Rm* 13,13) que dizia: “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites” (*Rm* 13,13).

A partir daquele momento, a paz desceu sobre ele como um arco-íris, colorindo o céu tranquilo de seu coração. Já não pairava sobre ele nenhuma dúvida. Por isso diz: “Não quis ler mais, nem era necessário. Apenas acabei de ler estas frases, penetrou-me no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da minha dúvida fugiram” (Conf., VIII, 12, 29).

Assim rendeu-se Agostinho à verdade, depois de treze anos de resistência, desde que despertara para esta, aos 19 anos de idade, quando da leitura do *Hortensius* de Cícero.

Convertido, Agostinho procura Ambrósio. Queria se batizar. Este, porém, sugere que antes ele fizesse um retiro espiritual, como forma de se preparar para o batismo. Para tal, Agostinho pediu demissão de seu cargo. Um de seus colegas de magistério, Verecundo, colocou à sua disposição uma casa de campo, num lugar chamado Cassiciaco, para onde se retirou levando consigo o grupo de amigos e parentes que com ele conviviam, menos a sua mulher que já havia lhe deixado um pouco antes da conversão.

Nesse “retiro”, Agostinho desempenha a função de mestre, organizando o tempo e comandando as discussões, das quais nasceram as quatro primeiras obras do Agostinho convertido: *Contra Acadêmicos*, *De Beata Vita*, *De ordine* e *Soliloquia*. Esses tratados, comumente chamados “Diálogos de Cassiciaco”, estão ainda profundamente marcados pelas experiências da vida anteriores de Agostinho, bem como seu pensamento ainda está bastante influenciado pela filosofia greco-romana, mas que já refletem um momento de transição para o cristianismo, sem jamais abdicar daquela.

E é exatamente nestas obras onde pela primeira vez Agostinho teoriza acerca da amizade, no sentido de que ali fala no presente, pois como ressaltamos anteriormente, nos relatos em que descreve o “roubo das peras” e a “morte do amigo”, fala retrospectivamente, uma vez que os relatos se dão nas *Confissões*, uma obra da maturidade.

Agora, nos “Diálogos de Cassiciaco”, Agostinho volta a reiterar o que dirá, retroativamente, mais tarde, nas *Confissões*. Por exemplo, ao dedicar o diálogo *Sobre a Vida Feliz* ao amigo intelectual Manlio Teodoro, faz a mesma relação entre amizade e felicidade: “Quero dizer-te que me ames, para que eu, de minha parte, te corresponda com o mesmo afeto. Pois, se o consigo, creio que facilmente conseguirei alcançar a felicidade” (*De beat. vita*, 1, 5).

Já no diálogo *Sobre a Ordem*, Agostinho faz uma íntima relação entre a amizade e o amor, como aquele elemento que une os amigos:

O que buscam os amigos senão empenhar-se para ser uma unidade? E quanto mais se unem, mais amigos são [...]. Quem busca todo amor? Não busca tornar-se uma só coisa com aquilo que ama e, se lhe for possível, aderir-se com ele? O próprio prazer sensual não agrada com mais sofreguidão se os corpos dos que se amam não se unirem numa só coisa (*De ord.*, II, 18, 48).

No *Soliloquios*, por sua vez, ao travar um diálogo consigo mesmo (ele e a razão), dá grande ênfase a amizade, dando-lhe dupla finalidade: uma, natural, como elemento social que proporciona a felicidade temporal. Outra, intelectual, a busca da sabedoria-Deus, em quem reside a “verdadeira felicidade”, fazendo assim uma transição do conceito filosófico-natural de amizade para o de “verdadeira amizade”, em Deus. Assim, num primeiro momento, diz:

R. Amas alguma coisa além do conhecimento do teu Deus?

A. Conforme o que sinto agora, eu poderia responder que nada mais amo; porém para maior segurança respondo que não sei [...]. No momento, sinto que somente três coisas podem me dizer respeito: o medo da perda daqueles a quem amo, o medo da dor e o medo da morte.

R. Então amas a vida dos que te são caros em convivência contigo, a tua boa saúde e a tua própria vida neste corpo; pois do contrário não temerias a perda dessas coisas.

A. Confesso que sim (*Sol.* I, 9, 16).

Mas, num segundo momento, acrescenta outra motivação para o conviver com os amigos, acrescentando a amizade uma nova finalidade, a de conduzir todos a Deus, ainda que nem sempre isso seja possível:

R. Por que desejas que aqueles a quem amas vivam ou convivam contigo?

A. Para em comum estudar nossas almas e Deus. Assim, aquele que primeiro chegar a alguma conclusão facilmente a comunica aos outros.

R. E se eles não quiserem dedicar-se a esse estudo?

A. Convencê-los-ei para que queiram.

R. E se não conseguires convencê-los, seja porque já sabiam, seja porque acham que não conseguirão chegar a conclusões a esse respeito, seja ainda porque também estejam ocupados em outros negócios ou desejos?

A. Neste caso, estarei com eles, e eles comigo da maneira que nos seja possível (*Sol.*, I, 12, 20).

Finalmente, no *Contra Acadêmicos*, outra obra do “Retiro de Cassiciaco”, dedicada ao amigo Romano, Agostinho empenha-se por conciliar no conceito de amizade as duas supracitadas finalidades. Para tal, partir ali da definição dada por Cícero no *Laelius de Amicitia*, VI, 20¹⁴. Diz ele ali referindo-se ao amigo Alípio:

[...] Pois meu mais íntimo amigo concorda comigo não só no que há de provável na vida humana, mas também na própria religião, o que é o sinal mais evidente da verdadeira amizade. Com efeito, a amizade foi definida com muito acerto e santidade como ‘um consenso benévolo e caritativo sobre as coisas divinas e humanas’ (*Contra acad.*, III, 6, 13, destaque nosso).

Ao que comenta Teófilo Viñas Ramón:

Excelente maneira de entender a amizade e vive-la! Visto que, na realidade o substantivo para ele era a amizade e a convivência. Ainda que estas se vivam melhor, sem dúvida, na busca da verdade por parte de todos e, uma vez alcançada, no gozo comum (2010, p. 234).

O certo é que, diz Marie McNamara, referindo-se as experiências de amizade vividas e refletidas durante o “Retiro de Cassiciaco”:

Foi esta etapa uma das mais felizes da vida de Agostinho. O essencial era que ele compartilhava com os íntimos; ele lhes comunicava sua própria alegria e os guiava, durante aqueles dias de oração e estudo, até a conquista da verdadeira sabedoria. O sentido da vida comum que ele descobriu ali foi, de fato, o começo da vida ideal que ele sonhava: um grupo de amigos unidos pelo mesmo espírito. Cassiciaco seu primeiro ensaio de vida religiosa, devia estar na base de sua famosa *Regra dos Servos de Deus* (*apud* Viñas Ramón, 2010, p. 234).

3 - Experiência/definição da “verdadeira amizade”, no cristianismo, na maturidade

Depois do batismo, que aconteceu no Sábado Santo de 386, já totalmente livre das frivolidades da vida e dos trabalhos acadêmicos, Agostinho convida os amigos para juntos retomarem a África, onde continuariam a vida em comunidade. Escolheram Tagaste como lugar a realizarem tal projeto, terra natal da grande maioria deles.

¹⁴ A esse respeito diz Hans Van Den Berg: “Agostinho deve ter lido o *Lelio ou Sobre a Amizade* antes de sua conversão, quem sabe já em Cartago, porque o cita no *Contra Acadêmicos* e também na questão 71 de seu tratado *Sobre as Oitenta e Três Questões Diversas*. E mais, devia conhecê-lo praticamente de memória, porque senão teria sido impossível citá-lo quase literalmente em tantos lugares de sus obras” (2016, p. 202).

Chegando à África:

[...] depois de vender e distribuir entre os pobres os poucos bens que havia herdado do pai, tomando e dando aos companheiros uma túnica negra cingida de cinturão de couro, e raspando a cabeça em forma de coroa, conforme o costume dos monges do Egito, inaugurou com os amigos, à porta de Tagaste, a vida de oração, pobreza e obediência com que vinha sonhando desde tempos atrás (Bougaud, 1927, p. 269- destaque nosso).

Três anos depois de retornar à África, em janeiro de 391, aos 37 anos de idade, Agostinho foi ordenado sacerdote, pelas mãos do Bispo Valério. A partir daí, Hipona seria a residência definitiva de Agostinho, até ao fim de sua vida. Mas, mantendo o seu espírito comunitário, o seu amor para com os amigos, pediu permissão ao Bispo para continuar sua vida comunitária naquela cidade, o qual “entrega-lhe parte de um jardim, junto à residência. Agostinho, presbítero da Igreja, estabelece aí a continuidade de sua experiência de vida comunitária” (Rocha, 1989, p. 94). Imediatamente trouxe seus amigos para Hipona, “um ‘viveiro’ de onde os discípulos de Agostinho eram extraídos para serem transplantados como Bispos nas principais cidades da Numídia” (Brown, 2005, p. 176).

Quatro anos depois, em 395, Agostinho seria sagrado Bispo coadjutor de Hipona pelas mãos de Magálio, Bispo Primaz da África. Um ano depois, em 396, com o falecimento do Bispo Valério, Agostinho ficaria como Bispo titular de Hipona, função que desempenhou até a sua morte em 430. Mas nunca foi morar no Palácio episcopal, continuou residindo com os amigos na “comunidade do Jardim”. O que prova, mais uma vez, que “Agostinho era incapaz de morar sozinho”, e fazia da vida comunitária a forma perfeita de vida social, a vida feliz, e colocava a amizade entre seus integrantes como um dos pilares desta forma de vida, fundamenta, por sua vez, no amor recíproco, com vista ao bem comum.

Aliás, o amor sempre esteve presente em suas experiências vivenciais de amizade desde infância/adolescência, basta lembrarmos, a título de exemplo, o grande amor que nutria pelo amigo na narrativa da “morte de um amigo” que apresentamos no tópico anterior, o que muda daqui para frente na concepção agostiniana de amizade é o tipo de amor que deve norteá-la, ou o fundamento último deste amor, o que resultará em tipos diferentes de relações sociais.

Para tal, Agostinho parte do princípio de que o amor está na base de todas as ações humanas, das individuais às sociais, inclusive no que diz respeito a amizade. Nas *Confissões*, diz: “Meu amor é meu peso, por ele sou levado para onde quer que eu vá” (*Conf.*, XIII, 9).

Para o Santo Doutor, o amor está na própria natureza humana, trata-se de um apetite natural, donde se deduz que tendo-se no fundo do coração a raiz do amor, dessa raiz não pode sair senão o bem, o que resulta na tão citada máxima agostiniana, contida do *Comentário a 1ª Epístola de João*: “Ama e faz tudo o que queres” (*In 1ª ep. Jan.*, VII, 8).

Portanto, seria uma insensatez querer apartar do homem o seu amor. Se há um problema, este não diz respeito ao amor como tal, nem à necessidade de amar, mas unicamente ao objeto a ser amado: “Preguiçosos, mortos detestáveis, miseráveis seriam os homens se não amassem. Amem, mas vejam o que amam” (*De civ. Dei*, XV, 15). O problema é, portanto, o da reta escolha das coisas amadas, da intensidade ou medida em que se amam estas coisas, ou seja, da reta ordem do amor. Daí que, diz no tratado *Sobre a Doutrina cristã*:

[...] vive justa e santamente quem é perfeito avaliador das coisas. E quem a estima exatamente mantém amor ordenado. Dessa maneira, não ama o que não é digno de amor, nem deixa de amar o que merece ser amado. Nem dá primazia no amor àquilo que deve ser menos amado, nem ama com igual intensidade o que deve amar menos ou mais, nem ama menos ou mais o que convém amar de forma idêntica (*De doc. christ.*, I, 27),

Ao que completa, fazendo o contraponto, no tratado *Sobre a Cidade de Deus*: “[...] muitos, amando o que não se deve amar, são miseráveis; e mais miseráveis ainda, quando dele gozam” (*De civ. Dei*, VIII, 8).

O amor é, pois, o parâmetro na hierarquia de valores das coisas a serem amadas: “O amor, que faz com que a gente ame bem o que deve amar, deve ser amado também com ordem; assim, existirá em nós a virtude que traz consigo o bem viver” (*Ibid.*, XV, 22). E dentro da hierarquia das coisas a serem amadas, Deus aparece em primeiro lugar; a Ele deve-se amar com todo amor: “O Criador, se é realmente amado, isto é, se é amado Ele e não outra coisa em seu lugar, não pode ser mal amado” (*Ibid.*, XV, 22).

Com isto Agostinho chega ao fundamento de sua nova concepção de amizade - a “verdadeira amizade” -, alicerçado agora no preceito evangélico “*amarás o Senhor teu Deus de todo coração, de toda a alma e de todo entendimento e amarás o teu próximo como a ti mesmo*” (Mt. 22,37), o qual nos ensina que devemos amar nossos semelhantes nas mesmas condições em que amamos a nós mesmos, ou seja, que amemos nossos semelhantes não por si mesmos, mas em função de Deus, ou seja, “todo homem, enquanto tal, deve ser amado por causa de Deus” (*De doc. christ.*, I, 28). Ao que reitera no tratado *Sobre a Cidade de Deus*:

A esse Bem [Deus] devemos ser conduzidos por aqueles que nos amam e conduzir os que amamos, para que, assim, se cumpram os dois preceitos [...]. A quem sabe amar a si mesmo, quando lhe manda amar ao próximo como a si mesmo, que outra coisa se lhe manda senão, quando esteja ao seu alcance, encarecer a outrem o amor a Deus? [...]. Quem ama ao próximo como a si mesmo, outra coisa não quer senão ser feliz (*De civ. Dei*, X, 3).

Daí Hannah Arendt, ao apresentar o amor ao próximo em função de Deus como fundamento da vida comunitária em Agostinho, dizer:

A verdadeira sociedade (*societas*) está fundada sobre o facto da fé comum. Numa primeira e simples observação, a sociedade dos crentes é portanto definida por dois traços; primeiro, está fundada sobre qualquer coisa que por princípio não é o mundo, é deste modo comunidade com o outro não porque ele esteja aí realmente no mundo, mas devido a uma possibilidade específica; depois, como esta possibilidade é a mais radical do ser do homem, esta comunidade da fé comum que se realiza no amor mútuo (*diligere invicem*), exige o homem por inteiro - ao contrário de todas as comunidades mundanas, na medida em que estas são cidades (*civitates*) que nunca isolam senão uma determinação do ser -, exige o homem por inteiro tal como Deus o exige. A fé, da qual se diz, no entanto, que cada qual tem a sua (*singuli suas habant*), é de um modo tão radical a fé comum que outrem só é, também, compreendido a partir da sua fé possível que faria dele um companheiro (*socius*). E essa fé é ao mesmo tempo compreendida - conforme a segunda parte demonstrou - como a possibilidade última, a mais radical, do ser humano (1997, p. 152-153).

É a partir deste novo paradigma que Agostinho estabelece as relações de amizade daqui para frente, e reavalia criticamente aquelas vivenciadas até então. E com isto, ressignificaria o conceito filosófico-natural de amizade herdado da tradição greco-romana, fundamentada segundo Julián Ignacio López (cf. 2023, p. 11) no amor concebido como *Eros* (amor por necessidade e/ou interesse), que adquiriria o sentido cristão de “verdadeira amizade”, amor como *ágape*, de cunho mais espiritual-místico, alicerçada numa concepção de amor enquanto *Caritas* (amor de entrega desinteressada), ou como diz Sandra Maria Fernandes, daqui para frente:

Agostinho apregoa a substituição da *amicitia* pela *caritas* cristã ou *ágape*. O que implica conceber a amizade como amor segundo a vida ideal em comunidade. A amizade verdadeira só se realiza em Deus. A *caritas* cristã assume o significado não só do amor ao próximo sem restrições, mas impessoal, de amor à totalidade, amor comunitário sem dar lugar ao amor singular. Dessa forma, vê-se a passagem de uma estrutura relacional dual Eu-você para uma trílice Eu-vocês-e-Deus (2006, p. 26).

Esta é a nova tônica nos escritos pós conversão, que os comentadores apontam como marco divisório entre o Agostinho antes e depois da conversão, que aparece de forma parcial nos “Diálogos de Cassiciaco”, e pouco tempo depois, de forma mais clara numa Carta a Marciano¹⁵, escrita entre os anos 391 a 395, ou seja, bem antes da redação das *Confissões*.

¹⁵ Não só nesta, mas em muitas outras cartas a amigos, Agostinho fala do tema da amizade, o que levou Maria Manuela Martins a dizer que “as *Epistulae* são o lugar por excelência, onde ele se revela, não só como conselheiro e homem erudito da doutrina dogmática da Igreja, mas também o amigo, o intelectual e o confidente para os seus confrades” (2008, p. 211). Robert B. Eno, por sua vez, diz que “as cartas eram de vital importância para Agostinho, pois a amizade era essencial para ele. Por suas cartas, Agostinho estabeleceu relações com pessoas que nunca encontrou fisicamente, como Paulino de Nola e Juliano” (2019, p. 374). Inclusive com mulheres, conforme destaca E. Ann Mater: “Agostinho tinha certo número de amigas e vasta coleção de cartas que se conservaram inclui alguma correspondência bastante significativa com algumas delas” (2019, p. 679). E seguiu citando vários nomes de mulheres com quem Agostinho se correspondeu.

Ali, numa séria de passagens, sem esquecer nem negar o conceito ciceroniano de amizade, mas reavaliando-o, Agostinho mostra a diferença entre a antiga amizade que os unia, e a nova amizade que surgia agora, depois da conversão de ambos a Cristo:

Tu, amadíssimo meu, em outro tempo estavas de acordo comigo nas coisas humanas, quando eu desejava gozá-las al estilo vulgar. Para conseguir estas coisas que home me enojam, tu me favorecias e tendias a elas, e ademais, entre os meus outros amigos, era dos primeiros a inchar com o vento das misérias as velas dos meus apetites. Enquanto que nas coisas divinas, naquelas que naquele tempo não me diziam verdade alguma, nossa amizade falava na melhor parte da definição: havia acordo apenas nas coisas humanas, ainda que com benevolência e caridade, mas não nas coisas divinas (*Ep.*, 258, 1).

Logo, continua mais adiante:

[...] durante o tempo em que eu suspirava por vanidades mundanas, ainda que tu acreditavas que eu te amava plenamente, ainda não eras amigo meu; eu mesmo não era amigo meu, senão mais bem inimigo. Porque amava iniquidade, e são verdadeiras as palavras dos Santos Livro: *O que ama a iniquidade odeia sua alma* (*Ibid.*, 3)

E, contrapondo, felicita Marciano por agora, convertidos, gozarem juntos da “Verdadeira amizade”, em Deus:

Dou, pois, graças a Deus porque ao final te dignaste a fazer-se migo meu. Agora há entre nós acordo nas coisas humanas e divinas, com benevolência e caridade em Jesus Cristo Nosso Senhor, na mais autêntica paz [...]. Pois, quando não há acordo nas coisas divinas entre os que se dizem amigos, tão pouco pode haver pleno e verdadeiro nas coisas humanas. É evidente que quem deprecia as coisas divinas, estima em demasia as humanas, e não pode amar retamente o homem quem não ama ao Criador do homem (*Ibid.*, 3,4).

Aqui, embora diga que, na ordem dos valores, o amor a Deus seja incondicional - “a medida do amor a Deus é amá-lo sem medida” (*Ep.* 109) - contudo, como esse princípio deve ser vivido por homens concretos, em comunhão com outros homens concretos, Santo Agostinho transforma o princípio em uma “regra prática”, invertendo o preceito da caridade, ao dizer: “embora o amor a Deus seja o primeiro na ordem da importância, na prática, é começando pelo segundo que se chega ao primeiro amor” (*Serm.*, 265, 9); ou seja, “o amor a Deus é o primeiro que nos é prescrito, o amor ao próximo [irmão ou amigo] é o primeiro que se deve praticar” (*Inarr. 1ª ep. Ioan.*, VII, 8). Daí, citando o apóstolo João, dizer: “se alguém disser; ‘amo a Deus, mas odeio o meu irmão’, é mentiroso [...]. Pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus que não vê, não poderá amar” (*Ibid.*, IX, 10).

Aliás, muito antes, no diálogo *Contra Acadêmicos*, como vimos anteriormente, referindo-se a Alípio, já havia declarado grande satisfação ao dizer que “meu mais íntimo amigo concorda

comigo não só no que há de provável na vida humana, mas também na própria religião, o que é o sinal mais evidente da verdadeira amizade” (*Contra acad.*, III, 6,13).

Com isto, ressalta Sílvia Contaldo:

Que mudanças Agostinho fez no clássico conceito de amizade que lhe era tão caro? Ouso dizer que Agostinho lhe dá o tom da espiritualidade. As palavras continuam as mesmas, mas têm matizes diferentes. A amizade, para ser de fato verdadeira deve ser a um só tempo fusão de imanência e transcendência, na caridade (2017, p. 693).

Ao que reforça Teófilo Viñas Ramón:

Digamos já que o Santo não tem nenhum problema em aceitar, inclusive literalmente, as diversas definições clássicas de amizade, acrescentando-lhes, isso sim, conteúdos cristãos. Por sua parte, cunhará outra definição, que bem pode ser considerada como original e exclusivamente sua (2010, p. 242)¹⁶.

Daí Joseph T. Linhard, por sua vez, depois de defender que “Agostinho é o primeiro autor cristão a ter elaborado uma teoria da amizade cristã”, dizer que, para tal

[...] transformou o conceito antigo de amizade (acordo em coisas humanas e divinas), para explicar que a amizade é fruto da graça, é um dom que o Espírito Santo espalhou no coração dos crentes, e isso acrescenta à caridade cristã devida a todos as notas de atração e de encanto (2019, p. 107).

E, mais adiante, completa:

A *ep.* 258, a Marciano, começa a mostrar desafeição pela noção clássica de amizade. A definição ciceroniana é aí citada por Agostinho com o seguinte acréscimo: ‘agora, sim, há entre nós perfeito acordo sobre as coisas humanas e divinas [...] em Cristo Jesus, nosso Senhor, nossa autêntica e genuína paz’ (258, 4). [...]. Cícero referia-se a um acordo intelectual, Agostinho a um acordo de vontade e de ação (*Ibid.*, p. 108).

Esta é a genuína concepção agostiniana de amizade, a “verdadeira amizade”, que se estenderá pelas subsequentes obras do Santo Doutor, e a partir da qual reavalia suas amizades

¹⁶ Igualmente ressalta Maria Manuela Martins: “Cícero distingue a verdadeira amizade da falsa amizade [...]. A falsa amizade é aquela que tem como causa unicamente a utilidade, ou seja, o interesse. Porém, para Agostinho, trata-se não só de distinguir a falsa amizade da verdadeira, mas também de saber que a verdadeira amizade humana só pode estar alicerçada na amizade divina [...]. Será necessário, portanto, a partir de certo momento, substituir a *amicitia vena* pela *amicitia sincerissima et honesta*, que só em Deus reside, pois Ele é que é o fundamento da amizade humana” (2008, p. 221). E mais adiante completa: “É certo, porém, que a amizade, segundo Cícero, exige a virtude e que, além disso, as verdadeiras amizades são eternas. No entanto, a amizade de que fala Cícero não contempla o que Agostinho diz do homem feliz: “só é feliz (*beatus*) aquele que ama o amigo em Deus e o seu inimigo por causa de Deus”, na medida em que o fundamento desta amizade, já não é somente humana, mas sim divina, ou seja, o homem feliz é aquele que contempla a sua felicidade na unidade do divino e do humano [...]. Ser uma só alma em dois corpos, ou ser uma só alma, apesar de serem muitos corpos, aproxima, o que a cultura pagã já indicava e, que a cultura cristã desenvolve e prolonga, no sentido evangélico” (*Ibid.*, p. 227-228).

anteriores à conversão, especialmente em seus relatos retrospectivos das *Confissões*, quando, depois de narrar os fatos, logo em seguida, faz sua autocrítica em forma de lamento, enfatizando a diferença entre sua concepção de amizade na época em que vivenciou os fatos na adolescência/juventude e o que pensa no momento em que os descreve retrospectivamente. É o que vemos, por exemplo, quando narra o já citado “roubo das peras”, onde diz que umas das motivações para o fato era o prazer do riso entre amigos, que só tem sentido ou prazer quando entre amigos, ou melhor, movido por uma amizade incipiente, a que Agostinho chega a chamar de “amizade inimiga”:

Sozinho, não cometeria aquele furto, em que não me aprazia o que roubava mas o ato de roubar, porque, completamente só, não sentiria prazer em praticar o furto. Nem sequer o faria. O amizade tão inimiga, ó sedução impenetrável da mente, avidez de perpetrar o mal por brincadeira ou gracejo, ó apetite do dano alheio, sem lucro algum, sem paixão de vingança, mas só porque sentimos vergonha de não ser desavergonhados, quando nos dizem: ‘Vamos, façamos’ (*Conf.*, II, 9, destaque nosso).

Ao que comenta Enrique A. Eguiarte Bendímez:

Nesta passagem, que nos poderia parecer ser o simples relato de um ‘capricho’ de um revoltoso grupos de adolescentes, Santo Agostinho expressa, em primeiro lugar, a força ou influência que pode ter um grupo ou comunidade, que no caso da maliciosa aceitação dos amigos pode ser denominada de consenso (*consortium*): aqueles que compartilham uma mesma sorte e destino. Em segundo lugar, assinala que o que une o grupo é uma amizade prejudicial, na qual se põe de manifesto um *appetitus alieni dammi*, o desejo de causar dano a outra pessoa [...]. Assim, pois, um grupo influi sobre seus membros positiva ou negativamente dependendo dos *appetitus* que os movam e dirijam. Em outras palavras, se queremos conhecer como é um grupo ou uma comunidade, temos que interrogar acerca de seus amores (2015, p. 67-68).

Daí a famosa passagem do tratado *Sobre a Cidade de Deus*, onde aponta os dois princípios ético-morais fundantes de todos os tipos organizações humanas, que vai do poder político de Estado até as pequenas instituições sociais:

Dois amores, pois, fundaram ‘duas Cidades’, a saber: o amor próprio, levado ao desprezo a Deus, engendrou a Cidade terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloriosa-se, a primeira, em si mesma e a Segunda, em Deus, porque aquela busca a glória dos homens e tem, essa, por máxima, glória a Deus, testemunha de sua consciência. Aquela fica ensoberbecida em sua glória e essa diz a seu Deus: Sois minha glória e quem me exalta a cabeça. Naquela, seus príncipes e as nações avassaladas veem-se sob o jugo da concupiscência de domínio; nessa, servem em mútua caridade, os governantes, aconselhando, e os súditos, obedecendo. Aquela, nos seus potentados, ama a própria força; essa diz ao seu Deus: *Amarei só a ti, Senhor, que és minha força*. Por isso, naquela, seus sábios, vivendo segundo o homem, têm buscado só os bens do corpo, ou aquele do espírito, ou ambos; e também aqueles que têm podido conhecer a Deus, não o têm glorificado como Deus, mas desvaneceram-se em seus pensamentos e se tornou obscurecido o néscio coração [...]. Na outra, ao contrário, não há sabedoria humana, mas piedade, que rende, ao verdadeiro Deus, o culto devido, e que espera, como recompensa na sociedade dos Santos – não só dos homens, mas também dos anjos – que Deus seja tudo em todos [...] (*De civ. Dei*, XIV, 29).

Mas, voltando ao assunto, é mais adiante, nas *Confissões*, onde Agostinho é ainda mais claro ao comentar a segunda experiência vivencial de amizade que apresentamos no primeiro tópico do presente trabalho, a saber, a dolorosa “morte do amigo”. Ali, depois de narrar o fato, lamenta e/ou faz uma reflexão crítica:

Os dias se sucediam, e, com o passar do tempo, novas esperanças e outras lembranças se apresentavam. Aos poucos, ressuscitava em mim o interesse pelos antigos prazeres, que iam tomando o lugar da minha dor [...]. O que mais me aliviava e reconfortava era o consolo dos amigos que, em vez de amar a ti, comigo amavam aquilo que eu amava: a imensa fábula, a grande impostura, cujo contato enganador nos corrompia a mente curiosa de novidades [...]. Havia outras atrações que me prendiam o espírito: as conversas e risadas em comum, a troca de afetuosas gentilezas, a leitura em comum de livros agradáveis, o desempenho de tarefas em conjunto, ora insignificantes ora importantes, contradições passageiras, sem rancor, como acontece a cada um até consigo mesmo, e com tais contradições, assim mesmo bastante raras, tornar mais agradável a habitual concordância de pontos de vista, o ensino recíproco de novidades, o sentir intensamente a nostalgia dos ausentes e o alegre acolhimento no retorno. Estes e outros sinais semelhantes, que brotavam de corações que amam e se sentem amados, e que se manifestam no procedimento, nas palavras, no olhar e em mil gestos de agradecimento, como centelhas que inflamam muitos corações e deles fazem um só (*Conf.*, IV, 8, 13).

E no capítulo seguinte, intitulado “Feliz quem ama a Deus”, fecha os comentários destacando a diferença entre a “amizade incipiente”¹⁷, movida pelos interesses mundanos, e a “verdadeira amizade”, em Cristo, alicerçada no preceito evangélico da caridade:

Eis o que amamos nos amigos, o que amamos de tal modo que sentimos a consciência culpada quando não pagamos amor com amor, sem nada esperar do outro senão sinais de afeto. Daí o luto quando morre um amigo, daí as trevas da dor, a doçura que se transforma em amargura, o coração inundado de pranto e a morte dos vivos pela vida perdida dos que morrem. Feliz aquele que te ama, e que, por teu amor, ama o amigo e o inimigo! Somente não perde nenhum ente querido aquele para quem todos são queridos, aquele que nunca perdemos. E quem é ele senão o nosso Deus, o Deus que criou o céu e a terra e que lhes confere plenitude, pois foi plenificando os que os fez? (*Ibid.*, IV, 9, 14).

Aliás, já antes, no início da narrativa que vai desembocar, depois, na “morte do amigo”, Agostinho havia acentuado a diferença entre a “amizade incipiente” e a “verdadeira amizade”:

Na época em que eu começava a ensinar na cidade em que nasci, travei relações com um amigo que, tendo os mesmos interesses de estudo, veio a ser muito querido. Era da minha idade e estava, como eu, na flor da juventude. Crescemos juntos desde meninos, fomos colegas de escola e de folgedos; mas só então tornou-se meu amigo, embora não fosse

¹⁷ Vimos, anteriormente, que a comentadora Maria Manuela Martins chama de “falsa amizade” a esta primeira forma de experiência vivencial e teórica de Agostinho. Agostino Trap, por sua vez, a chama de “amizade inimiga”. Nós preferimos chamá-la de “incipiente”, pois, embora não seja ainda a “verdadeira amizade”, em Cristo, mas não deixa de si uma forma de amizade, ou trazia em si pelo menos uma das características da amizade que Agostinho nunca abandonou, a saber, que ela faz parte da natureza humana, que é em si sociável. Daí Agostinho se referir aos seus colegas de infância, adolescência e juventude como amigos, ainda que não fossem ainda verdadeiros amigos.

essa ainda a verdadeira amizade, pois a amizade só é verdadeira quando une pessoas ligadas a ti pelo ‘amor derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado’ (Rm 5,5) (Ibid., IV, 4, 7, destaque nosso).

O que levou Teófilo Viñas Ramón a concluir:

Na mais original definição agostiniana de *verdadeira amizade* se encontram as mais belas e emocionantes páginas dedicadas ao ‘amigo anônimo’. Nelas sim, por uma parte, se nos transmite com fidelidade os mais límpidos sentimentos que embargaram a Agostinho como motivos da perda daquele amigo íntimo. Por outra, salta a vista a reflexão teológica a que submete os fatos quando escreve as *Confissões*, para concluir dizendo-nos o que é para ele a *verdadeira amizade, plena e perfeita amizade*. A *verdadeira amizade* há de ser entendida, segundo o Santo, à luz de Rm 5,5; quer dizer, em sua dimensão transcendente, sem que perca, por isso, nada de sua expressão humana (2010, p. 247 - 248).

Ao que reforça Maria Manuela Martins:

A descrição da amizade verdadeira, aqui expressa e claramente associada à *caritas*, não é ainda a que Agostinho sentia, mas antes, uma justaposição do que ele pensava e sentia no ‘agora’, isto é, no momento presente, em que escrevia estas memórias passadas. Por isso, ele afirma: *sed nondum erat sic amicus*. Na verdade, a amizade verdadeira (*vera amicitia*) é aquela que permite a unidade daqueles que se unem a Deus e que se unem entre si, por dom desta amizade. Por isso, Agostinho refere que a amizade que ele votava ao seu amigo, ainda não consistia na verdadeira amizade, pois só a verdadeira amizade se anela à caridade. *Amicitia* e *caritas* dão as mãos e só nesta união reside a essência da verdadeira amizade. Podemos afirmar, claramente, que em 397, quando Agostinho começou a escrever as *Confissões*, já ele concebia a amizade como caridade (2008, p. 222 - 223).

Finalmente, concluímos este tópico com as palavras de Federico María Rago, o qual diz que, neste processo evolutivo, “chorou Agostinho uma amizade desordenada. Gozou, na transformação, pela graça de Deus, de uma amizade desordenada em ordenada. E, mais ainda, gozou [viveu] na amizade pura e santamente ordenada, já no nível da graça e caridade próprio dos grandes santos de Deus” (2022, p. 4)¹⁸.

Considerações finais: fundamentos, qualidades e frutos da “verdadeira amizade”

Ao longo deste artigo vimos que a nova concepção de amizade a que chegou Agostinho, a “verdadeira amizade”, traz em si algumas características peculiares que a torna superior àquelas que ele vivenciou e teorizou antes da conversão, possibilitando a quem a possui viver uma vida feliz. Cabe aqui elencarmos e analisarmos algumas dessas características, espessas pelo próprio Agostinho em seus escritos.

¹⁸ Igualmente diz Agostino Trapè, referindo-se à personalidade de Agostinho: “[...] outro aspecto, se se queira dar uma ideia suficiente de sua personalidade: o sentimento, e mais ainda o culto que rendeu à amizade. Dela conheceu todas as formas: a amizade ‘inimiga’ que conduz ao mal; a amizade, puramente, humana que se desespera, diante do ‘escândalo’ da morte; a amizade cristã, mais profunda, total e mais serena, que dura, na esperança, até a eternidade” (2017, p. 48).

Antes de mais nada, seguindo a tradição greco-romana, Agostinho considera ser a amizade uma necessidade natural, dada a natureza social do homem. No tratado *Sobre os Bens do Matrimônio*, por exemplo, dirá que “a natureza humana é sociável e encerra em si um bem excelente e natural, que força à amizade” (*De bono coniug.*, I, 1).

Igualmente no tratado *Sobre a Cidade de Deus*, ao defender ser a felicidade o maior de todos os bens almejados neste mundo, diz que “nenhum animal é mais social por natureza que o homem” (*De civ. Dei*, XII, 27). Aliás, no decorrer do tratado, Agostinho demonstra que, enquanto a vida feliz apresenta-se como um *telos*, a vida social é uma necessidade, para que a primeira acontece, haja vista que o homem vive neste mundo e precisa viver bem. Por isso, se interroga: “[...] que consolo melhor encontramos, entre as agitações e amargores da sociedade humana, que a fé sincera e o amor mútuo dos bons e autênticos amigos?” (*Ibid.*, XIX, 8).

Daí, Julián Ignacio López dizer que “a amizade ocupa um lugar privilegiado não só no pensamento senão também na vida mesma do Hiponense” (2023, p. 14-15). E a título de exemplo, cita as *Confissões*, onde, seguido as palavras de Sánchez Gordillo:

[...] se percebe claramente que os momentos mais relevantes da vida de Agostinho não aconteceram na solidão, senão que [ele] sempre esteve acompanhado; tampouco se encontram nele períodos largos de deserto, como na vida dos ascetas, senão que a maior parte de sua vida transcorreu com aqueles amigos cujo ponto de comunhão e encontro era o amor pela sabedoria (Gordillo, *apud* Ignacio López, 2023, p. 15).

E mais adiante a supra comentadora conclui:

Para além destes exemplos concretos, o certo é que a obra agostiniana está repleta de referências a amizade, pois Agostinho pensa e escreve como vive, e, como dizíamos, as amizades sempre ocuparam um lugar central em sua vida (Ignacio López, 2023, p. 15 – destaque nosso)¹⁹.

Em segundo lugar, ressignificando o naturalismo greco-romano, diz que para que a amizade, e com ela toda e qualquer instituição social, seja verdadeira, não basta, como dizia Cícero, “um consenso benévolo e caritativo”, é necessário que esta esteja fundada na *Vera caritas*, expressa no duplo preceito evangélico de “*amarás o Senhor teu Deus de todo coração, de toda a alma e de todo entendimento e amarás o teu próximo como a ti mesmo*” (Mt. 22,37), que resulta no genuíno conceito agostiniano de “verdadeira amizade”.

¹⁹ Isto acontece não só em relação a amizade, mas a qualquer tema em Agostinho, pois como bem diz Juan Antonio Cabrera Montero, “o pensamento de Agostinho está em íntima relação com sua biografia. Em seu caso, o que escreve é reflexo veraz do que vive. Vida e reflexão correm paralelos em Agostinho. Lhe movem a escrever os problemas pastorais e eclesiais de seu tempo, assim como as vicissitudes pessoais que atravessou ao longo de sua vida” (2004, p. 751).

A partir deste princípio fundante, uma primeira característica da “verdadeira amizade” é a verdade ou sinceridade entre os amigos, ainda que, em alguns momentos desagrada um ao outro, por questões de divergências de opiniões, desde que haja respeito entre ambos. Para Agostinho, mais nocivo que a verdade/sinceridade, ainda que as vezes ditas com palavras ásperas, é a falsidade e a bajulação: “a adulação é inimiga da amizade” (*Ep.*, 110, 2). Daí citando o provérbio do *Eclesiastes*, que diz em Carta ao amigo Jerônimo, com quem trocou algumas palavras duras: “São mais feis as feridas dos amigos que os beijos espontâneos dos inimigos (Prov. 27,6)” (*Ep.*, 82, 4), e mais adiante completa: “Congratulemo-nos mutuamente, não só na caridade, senão também na liberdade de amigos; não nos calemos, nem tu a mim, nem eu a ti” (*Ibid.*, 5). E poucos anos depois, na Carta 155, a Macedônio, diz que “ninguém pode ser verdadeiramente amigo do homem se não for primeiramente amigo da verdade mesma” (*Ep.*, 155, 1). Esse era a personalidade de Agostinho, descrita por Agostino Trapè como “afetuoso, senhoril; mas ao mesmo tempo decisivo e forte. Algo que lembrava a mãe. Foi amante da ordem, da quietude, da amizade; mas sobretudo da verdade. Comovia-se facilmente, mas era altivo contra a iniquidade e, quando a ocasião o pedia, irremovível em seus propósitos” (2017, p. 46).

Além disso, Agostinho aponta a gratuidade um importante ingrediente da amizade, “o quer dizer que entre amigos não pode haver busca de interesses à custa do outro, nem aproveitamento do outro para uma causa própria” (Van den Berg, 2016, p. 204), ratificada por Agostinho na supracitada Carta, onde diz que a “verdadeira amizade não se mede por interesses temporais, senão por amor gratuito” (*Ep.* 155, 1,1). E no Sermão 41, adverte: “Se teu amigo o foi só quando tu eras rico, e agora que eis pobre não o é, não fostes tu o amigo, senão o dinheiro” (*Serm.*, 41, 1). Ao que completa: “Se ficas do lado do amigo para poder desfrutar de suas riquezas, caso ele seja rico, ainda não amas o amigo, mas algo distinto nele” (*Ibid.*, 41, 3).

Outro importante preceito é que na verdadeira amizade os amigos se reconhecem como iguais, e se preocupam para que haja igualdade entre ambos. No diálogo *Solilóquios*, Agostinho diz que este fundamento, que é absolutamente necessário para que haja uma boa amizade, deve ser tido como uma lei: “Estimo como lei justíssima da amizade a que prescreve amar ao amigo como a si mesmo” (*Sol.*, I, 3, 8).

Por outra, os verdadeiros amigos devem ter confiança um no outro, guardando lealdade e fidelidade um para com o outro, principalmente nos momentos mais difíceis, conforme nos diz no tratado *Sobre a fé nas coisas que não se vê*: “[...] sem embargo, é muito certo que também na prosperidade se pode ter um bom amigo, ainda que seu amor se prova mais facilmente na adversidade” (*De fide rer. quae non vid.*, I, 3). Já no tratado *Sobre as 83 Questões Diversas*, dizer que “podemos chamar amigo a aquele a quem nos atrevemos a confiar todos os nossos

sentimentos” (*De 83 quaest. div.*, 71, 6). E, numa Carta a Profuturo: “Posto que para mim eis outro eu, que te poderei dizer com maior prazer que aquilo que me digo a mim mesmo?” (*Ep.*, 38, 1).

Finalmente, como vimos, no decorrer da construção do conceito de amizade em Agostinho, todas essas características/qualidades resultam numa “verdadeira amizade”, se estiverem alicerçadas em Cristo, o que se conclui que “ama verdadeiramente ao amigo quem ama a Deus no amigo” (*Serm.*, 336, 2).

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Comentário a primeira epístola de são João*. Tradução introd. e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *A cidade de Deus: contra os pagãos*. Vols. I e II. 3ª edição. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1991.

_____. *Confissões*. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *Soliloquios - A vida feliz*. Tradução de Aduary Fiorotti e Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *Dos bens do matrimônio*. Tradução de Vicente Rabanal e Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2000.

_____. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Contra os Acadêmicos – A Ordem*. Tradução de Agustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008.

AGUSTÍN, San. Obras apologéticas: De la fe en lo que no se vê. *In: Obras completas de san Agustín*. Traducción, introducción y notas de Victorino Capánaga, Teófilo Prieto, Andrés Centeno, Santos Santamarta e Erminio Rodríguez. Tomo IV. 3ª edición bilingüe. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1956.

_____. Sermones 1 - 50 (1º). *In: Obras completas de san Agustín*. Tomo VII. Ed. bilingüe. Traducción de Miguel Fuertes Lanero y Moises Ma. Campelo. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1981.

_____. Cartas (1º): 1 - 123. *In: Obras completas de san Agustín*. Tomo VIII. Ed. bilingüe. Traducción, introducción y notas de Lope Cilleruelo. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1986.

_____. Cartas (3º): Ep. 188 - 270. *In: Obras completas de san Agustín*. Tomo XIb. Ed. bilingüe. Traducción de Lope Celleruelo y Pio de Luis. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1991.

_____. Sermones (4º): 184 - 272. *In: Obras completas de san Agustín*. Tomo XXIV. 2ª ed. bilingüe. Traducción, introducción y notas de Pio de Luis. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 2005.

_____. Sermones (5º): 273-338. *In: Obras completas de san Agustín*. Tomo XXV. Ed. bilingüe. Traducción y notas de Pio de Luis. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1984.

_____. Escritos varios (2º): Ochenta y três cuestiones diversas. *In: Obras completas de san Agustín*. Tomo XL. Ed. bilingüe. Traducción, introducción y notas de Teodoro C. Madrid. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1995.

ARENDDT, Hannah. *O conceito de amor em santo Agostinho: ensaio de interpretação filosófica*. Tradução de Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BARENSTEIN, Julián. Cicerón o Agustín: un nuevo concepto de *amicitia* en la Carta de Agustín a Marciano. *ETIAM - Revista Agustiniana de Pensamiento*, v. 9, n. X, p. 111-128, 2015.

BOUGAUD, E. *Santa Mônica*. Tradução de João Bahiano. Bahia (Salvador): Edições da Typ. de S. Francisco, 1927. 283 p.

BROWN, Peter Robert Lamont. *Santo Agostinho: uma biografia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005. 669 p.

CABRERA MONTERO, Juan Antonio. El pecado según San Agustín en *De Sermone Domini in Monte*, I, 12-35. *Religion y Cultura*, vol. L, p. 751-764, 2004.

CALDERÓN MUÑOZ, Héctor M. Siete mandamientos agustinianos para vivir en comunidade: relectura de la Regla de San Agustín en el contexto de revitalización de la Orden. *Recollectio*, v. 38, p. 95-114, 2015.

CAPÁNAGA, Victorino. *Agustin de Hipona: maestro de la conversión cristiana*. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1974. 475 p.

CAPILLA GONZALEZ, R. A. La herencia de San Agustin segun el P. Tarsicio van Bavel. *Estudio*, v. 2, n. 4, p. 353-365, 1994. Disponível em: https://www.agustinosvalladolid.es/estudio/investigacion/estudioagustiniano/estudiofondos/estudio1994/estudio_1994_2_04.pdf. Acesso em: 27.06.2024.

CONTALDO, Sílvia. Dimidium animae meae: amizade e espiritualidade em Agostinho. In: *Actas del XVI Congreso Latinoamericano de Filosofía Medieval*. Santiago de Chile: Universidad Gabriela Mistral, 2017, p. 685-694.

CREMONA, Carlo. *Agostinho de Hipona: a razão e fé*. Tradução de Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1990.

DE LA PRESA, Javier Ruiz. San Agustín. In: *Alteridad: un recorrido filosófico*. Guanajuato-México: Universidad de Guanajuato, 2005.

EGUIARTE BENDÍMEZ, Enrique A. Importancia de la vida fraterna en la experiencia vital y pastoral de Agustín de Hipona. *Recollectio*, v. 38, p. 65-92, 2015.

FERNANDES, Sandra Maria. *Foucault: a experiência da amizade*. Natal: UFRN, 2006, 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais).

IGNACIO LÓPEZ, Julián. Amor y amistad en el pensamiento de Agustín de Hipona. *Revista Chilena de Estudios Medievales*. n. 24, p. 7-31, 2023.

LAÍN ENTRALGO, Pedro. *Sobre la amistad*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2012. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/sobre-la-amistad/html/98bb4d62-0d51-11e2-b1fb-00163ebf5e63_11.html#I_17. Acesso em: 27.05.2024.

LINHARD, Joseph T. Amizade/amigos. In: FITZGERALD, Allan D. (org.). *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. Tradução de Heres Drian de O. Freitas *et al.* Revisão de Christiane Negreiros Abbub Ayoub e Heres Drian de O. Freitas. São Paulo: Paulus, 2019.

MacCORMACK, Sabine. Autores clássicos. In: FITZGERALD, Allan D. (org.). *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. Tradução de Heres Drian de O. Freitas *et al.* Revisão de Christiane Negreiros Abbub Ayoub e Heres Drian de O. Freitas. São Paulo: Paulus, 2019.

MARTINS, Maria Manuela Brito. *Amicitia nostra vera ac sempiterna erit: as fontes da amizade espiritual em Santo Agostinho*. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 64, p. 209-240, 2008.

MATTER, E. Ann. Mulheres. In: FITZGERALD, Allan D. (org.). *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. Tradução de Christiane Negreiros Abbub Ayoub e Heres Drian de O. Freitas. São Paulo: Paulus, 2019.

MORALES, Antunes. Una aproximación a la idea de amistad en el epistolario de Paulino de Nola: El enfoque singular de la amistad cristiana en el periodo tardoantiguo. *HUMAN Review – Revista Internacional de Humanidades*, p. 1-12, 2022.

PAPINI, Giovanni. *Santo Agostinho*. Tradução de M.G. da Costa. Braga: Livraria Cruz, 1949.

RAGO, Federico María. *San Agustín – Sobre el amor y la amistad*. 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/88285919/San_Agust%C3%ADn_de_Hipona_Sobre_el_amor_y_la_amistad?uc-g-sw=37439520. Acesso em: 28.05.2024.

RAÑAS DAFONTE, César. Amistad y filosofía: A. de Rievauix. *Revista Española de Filosofía Medieval*, v. 19, p. 59-74, 2012.

ROBERT, B. Eno. Epistulae. In: FITZGERALD, Allan D. (org.). *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. Tradução de Heres Drian de O. Freitas *et al.* Revisão de Christiane Negreiros Abbub Ayoub e Heres Drian de O. Freitas. São Paulo: Paulus, 2019.

ROCHA, Hylton Miranda. *Pelos caminhos de santo Agostinho*. São Paulo: Loyola, 1989.

SCIACCA, Michele Federico. *San Agustín*. Tomo 1. Traducción de Ulpiano Álvarez Díez. Barcelona: Luis Miracle, Editor, 1955.

TRAPÈ, Agostino. *Agostinho: o homem, o pastor e o místico*. Tradução de Francisco Evaristo Marcos e Marcos roberto Nunes Costa. Revisão de Heres Drian de O. Freitas. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.

VAN DEN BERG, Hans. De amistades juveniles a una espiritualidad de la amistad: el concepto de amistad en San Agustín. *Revista Ciencia y Cultura*, n. 193-212, p. 196-, 2016.

VIÑAS RAMÓN, Teófilo. La amistad en San Agustín: experiencia y teoría. In: OROZ RETA, Jose; GALINDO RODRIGO, J. A. (orgs.). *El pensamiento de san Agustín para el hombre de hoy: III – temas particulares de filosofía y teología*. Valencia: EDICEP, 2010.

Recebido em: 03/10/2024.

Aprovado em: 30/11/2024.